

P
Público

Presidente do PS abre porta à demissão do Governo

Luz verde à devolução do tempo total de serviço aos professores leva Governo a reunir-se. Situação da governação é "insustentável", diz César *Política, 10/11*

Número 1 do SUCH é arguido na Operação Inovar

O presidente do Serviço de Utiliza Comum dos Hospitais foi constituído arguido ontem, na investigação com fundos comunitários *Sociedade*

Voto aos 16 anos? PAN relança um debate antigo
Política, 19

Frelimo Samora Machel Jr. acusa Filipe Nyusi de tirania

O filho de Samora Machel vai enfrentar o actual Presidente moçambicano na reunião do comité central, este fim-de-semana *p50/31*

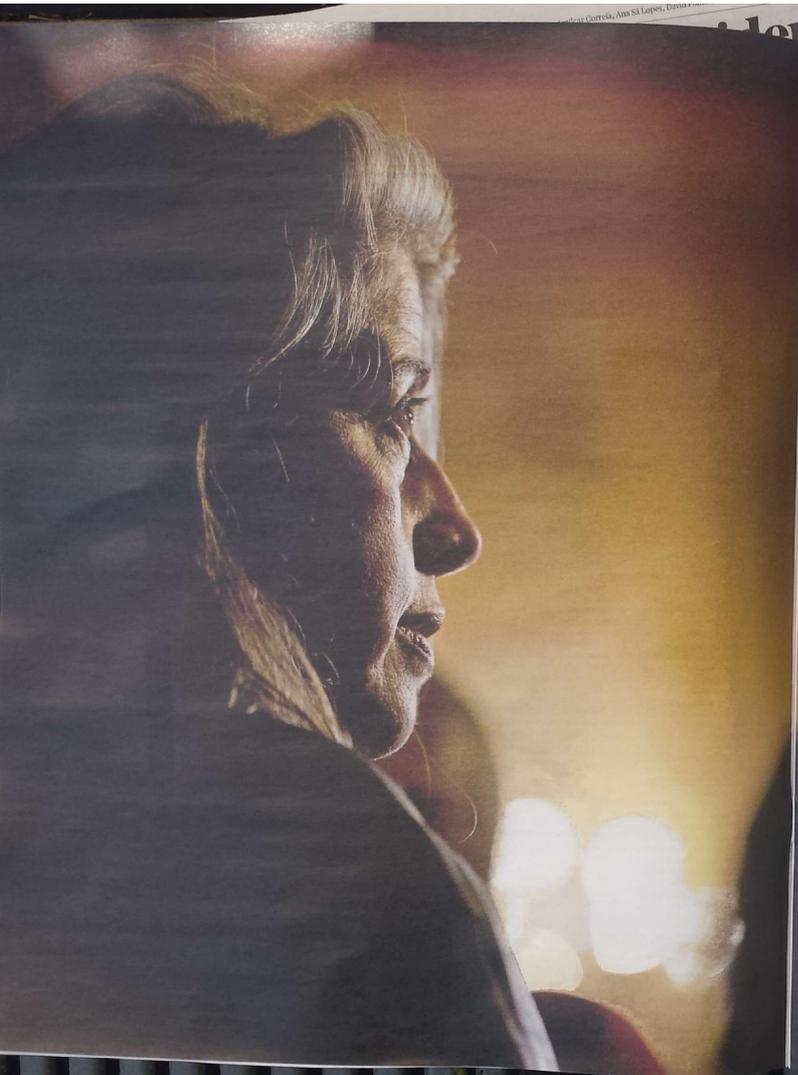
Leonor Antunes
"Trabalho com a suspensão em escultura, mas não é uma coisa etérea"

Reportagem com a representante de Portugal na Bienal de Veneza

Isabel Salema, em Berlim



Escultora é a representante de Portugal na bienal de arte
Os fantasmas de Leonor Antunes em Veneza



“Trabalho com a suspensão, mas não é uma coisa etérea. Não é uma coisa em que se olha para cima, a que não temos acesso. É sempre uma relação corpo a corpo”

Leonor Antunes é como as suas elegantes esculturas: o seu lado conceptual esconde outro mais manual, tátil. Mas é preciso tempo para as descobrirmos. No Palácio Giustinian Lolin, onde Portugal tem instalado o pavilhão nacional em Veneza, as esculturas da artista encontram novas formas de se pendurarem, de viverem suspensas, de treparem. O desafio, imposto pela natureza histórica do espaço, pode ver-se já partir da próxima semana com a inauguração da Bienal de Arte.

Isabel Salema, em Berlim

"And Berlin will always need you", diz o cartão que dá título à mais recente exposição em Berlim de Leonor Antunes, a artista portuguesa que este ano representa Portugal na Bienal de Arte de Veneza e que há 55 vive e trabalha na capital da Alemanha. É um verso que aos a despedida, que ressoa nas palavras que há de vir aí, quando nos sentamos na cafeteria da Gröbels Bau, galeria pública que mostra o trabalho da artista entre vários outros berlinenses. "Sim, estou a pensar em voltar para Portugal, mas não sei exactamente quando. Talvez daqui dois anos."

Aos 47 anos, a caminho de Veneza com as suas esculturas suspensas, onde vai inaugurar a exposição 19 de Maio, Leonor Antunes começa também a preparar-se para uma viagem mais definitiva, pondo em prática uma decisão que já está tomada há tempo: regressar a Portugal em 2020 com o resto da família, o artista Sérgio Talwer e a filha Olga, de oito anos. "É uma ideia que temos estado a trabalhar. Não tem nada a ver com querer deixar esta cidade, porque estou muito bem em Berlim, mas com ter um pouco mais de qualidade de vida. Em Lisboa, podemos ver o mar nas viagens entre o avião e a casa, entre esse género... É a Olga precisa de ter mais contacto com a língua, porque só fala português em português ou quando vai a Portugal nas férias. Estamos a pensar voltar quando ela entrar para o jardim de infância."

Leonor Antunes é como as suas elegantes esculturas: o seu lado conceptual, abstrato, escondo outro mais manual, tático, orgânico. Mas é preciso tempo para descobrirmos ambos. Artista e obra são complexos e gostam de manter o mistério. Também não é comum Leonor falar da dimensão entre artista e da sua vida, porque embora tenha já uma carreira de 20 anos, com exposições que lhe deram alguma notoriedade em importantes instituições de arte contemporânea — do Hangar Bicocca, em Milão, ao Museo Tamayo, na Cidade do México (2018), passando pelo New Museum de Nova Iorque (2015), pela Whitechapel Gallery de Londres (2017) ou pelo



A exposição para a Bienal de Veneza foi pensada na verticalidade porque as esculturas se agarram entre o chão e o tecto: a artista criou um sistema de perfis em alumínio branco capaz de esconder as paredes do palácio, incluindo as pinturas históricas. "Tentei encaixar o meu trabalho num espaço com uma linguagem mais moderna"

Museu de Arte Moderna de São Francisco (2006) —, o seu trabalho não é ambíguo e tem passado pouco por Portugal, onde se mantém quase uma desconhecida fora do meio das artes plásticas.

Conhecemos, então, pelo princípio, muito antes da chegada a Berlim em 2004, quando é que soube que queria ser artista e qual é a sua meta: mas ainda em relação a esse desejo? "Não sei. É uma pergunta difícil. Mas acho que sempre quis ser artista, porque nunca quis ser outra coisa. Tem um pouco a ver com a forma como nos relacionamos com o mundo: como é que transformamos as coisas que vemos e que nos interessam em matéria." Lembra-se de desenhar desde pequena, de sempre ter sido imensa curiosidade pelas coisas à volta, condição que acha obrigatória para se ser artista, porque sem curiosidade não se consegue criar. "Nunca tive artistas na família, mas os meus pais, de alguma forma, sempre me incentivaram. Talvez mais o meu pai, que era um apaixonado por cinema e mostrava-nos, a mim e aos meus dois irmãos, imensas filmes."

Opai, engenheiro civil, é-lhe pensar em como nos situamos no lugar em que vivemos mas também como conseguimos ser transportados para fora do que conhecemos. "Sou é muito importante, porque os artistas ou as obras de arte levam-nos a viajar. A curiosidade que tinha e a forma como via as coisas faz com que conseguisse viver num mundo um pouco à parte."

Como muitos artistas da sua geração, fez a escola artística António Arroio, em Lisboa, onde acabou o secundário. Não entrou logo em Belas Artes. Frequentou durante um ano o curso de Geografia da Faculdade Superior de Teatro e Cinema. "Não foi uma hesitação. Não queria estar um ano parado sem estudar. Depois entrei em Belas Artes, onde pude escolher entre pintura, escultura e design. Só havia essas três opções. Eu pintava nunca fazia. It's not my thing. Não sabia o que queria de fazer."

Mé-se como uma escultora e ao que faz chama escultura num mundo em que os meios de expressão são cada vez mais interdisciplinares e amplos. "Não tenho nenhum problema em usar a palavra escultura, porque se adequa mais aquilo que faço. Até hoje não encontrei uma forma melhor de o definir. O que acontece é que as esculturas que faço são, muitas vezes, pensadas para um sítio. Depois, há sempre o diálogo das peças umas com as outras e o espaço que existe entre elas também me interessa. Essa energia também é escultura, não é só o material com que é feita e o objecto que está lá. Interessa-me a presença e a relação com o corpo, com uma atmosfera que é gerada. Interessa-me a proximidade física que se tem através do corpo com esse objecto."



"Há sempre o diálogo das peças umas com as outras e o espaço entre elas também me interessa. Essa energia também é escultura, não é só o material com que é feita e o objecto que está lá. Interessa-me a relação com o corpo, com uma atmosfera que é gerada. Interessa-me a proximidade física que se tem através do corpo com esse objecto"

As obras de casa foram esculturas na oficina Bonacini 1889, que existe há um século e já produziu os móveis de Franca Helz feitos no mesmo material. "O senhor que tem esta oficina lembra-se de ele trabalhar à escala real em cima do desenho. Aguardam a casa com o magis até o conseguirem a forma que estava no desenho." Mas a escultura Franco mostra apenas um detalhe de um colídeo feito pelo designer nos anos 50, irreconhecível à primeira vista. "É a menos abstracta das esculturas da exposição, porque o detalhe é mesmo assim. Exagero e fragmento, que deve estar umas duas vezes maior."

De facto, agora que já sabemos para onde ir, conseguimos

ver os requisitos de um ganchão, de onde saem duas novas linhas verticais que se unem mais à frente. Podem permitir suspender a escultura num entarçado que existe em si, mas delas agarrar a estrutura em si, mas também cria zonas de opacidade e transparência.

O atelier em Kreuzberg
Passamos à parte do atelier de Leonora Aunues, situado no logradouro do nº 36 da Mauvornstrasse, no bairro Kreuzberg, que mesmo antes da queda do muro já era o local onde os artistas viviam misturados com uma grande comunidade turca. Mas mesmo nesta área menos peritificada as rendas não param de subir. Leonora e a artista alemã de Nova York Times, continua a ser considerada a capital criativa do mundo a nível europeu com os seus 20 mil artistas profissionais de sobrio trabalho em conjunto e Leonora sempre a apresentação de duas das suas colaboradoras que terminam de coser uma das esculturas para Veneza. A porta, está a direção do museu Hans Konradt, de Zurique, que veio a Berlin discutir com a artista a exposição do Prémio Zurich Art 2019, que a artista recebeu no início deste ano. Sabine Schachschki promete uma conversa rápida, porque se está logo em "beta". "Tem de estar orgulhosa de Leonora cometa a direção da exposição marcadamente para o futuro".

Elas não se esquecem mas o calendário deste ano está fácil. Em Novembro há outra exposição na Sala, desta vez na Fundação Beyeler de Basileia, e em Dezembro será a vez do Museu de Arte de São Paulo, para os fiar das indivíduos em instituições museológicas.

No resto do atelier com quase 300 metros quadrados os espaços são geralmente desenhados em bordada industrial, que também vão seguir para Veneza, Clamart-se-Ligier, mas só se tornam esculturas quando a espiral for suspensa, porque a ligação escultórica da artista não é a da mesa e do volume, como explica a historiadora de arte Bronny Fermin lecto no ano passado para

a exposição de Milão, mas a da cidade, a única coisa que Carlo Scarpa, o arquitecto mais relevante para a Veneza do século XX, conseguiu criar fora de Itália. "O círculo entre aquilo que é esquecido e emendado, entre o que é esquecido e emendado, desliza a historiadora de arte que sublinha a historiadora de arte que também vai escrever a história para Leonora Aunues.

No trabalho de Leonora Aunues desliza a história de arte que também vai escrever a história para Leonora Aunues. No trabalho de Leonora Aunues desliza a história de arte que também vai escrever a história para Leonora Aunues.

cardreco da Casa Zentner, em Zurique, a única coisa que Carlo Scarpa, o arquitecto mais relevante para a Veneza do século XX, conseguiu criar fora de Itália. "O círculo entre aquilo que é esquecido e emendado, entre o que é esquecido e emendado, desliza a historiadora de arte que sublinha a historiadora de arte que também vai escrever a história para Leonora Aunues.

Leonora Aunues revela muitas das suas fontes mais recentes, desde a Bienal de Veneza ao desenvolvimento de um novo método de trabalho, as suas ideias para a arquitetura da cidade - muitas vezes essas referências servem para acrescentar opacidade e halo o contrário, como ainda Bronny Fermin.

De facto, a artista constrói narrativas complexas, às vezes parciais, que nos salta do contexto que procuramos perceber: para conhecermos o detalhe que lhe interessa em casos que Simon Moser, em conjunto com Leonora Aunues, criou a instalação "Lloyd Wright e Pedro Pablo Kuczynski" para a Bienal de Veneza.

Quando salimos para almoçar, faz-se como e que se está estas horas de verão no meio de Berlin? Fermin escreve para ao o primeiro título da exposição desta bienal - tal como antes há referência sobre a vida das formas de outros artistas. "Os trabalhos que faço dependem muito da forma como se faziam no espaço, mas penso também em que e que vai montar isto que não estiver."

Quando salimos para almoçar, faz-se como e que se está estas horas de verão no meio de Berlin? Fermin escreve para ao o primeiro título da exposição desta bienal - tal como antes há referência sobre a vida das formas de outros artistas. "Os trabalhos que faço dependem muito da forma como se faziam no espaço, mas penso também em que e que vai montar isto que não estiver."

Quando salimos para almoçar, faz-se como e que se está estas horas de verão no meio de Berlin? Fermin escreve para ao o primeiro título da exposição desta bienal - tal como antes há referência sobre a vida das formas de outros artistas. "Os trabalhos que faço dependem muito da forma como se faziam no espaço, mas penso também em que e que vai montar isto que não estiver."

Quando salimos para almoçar, faz-se como e que se está estas horas de verão no meio de Berlin? Fermin escreve para ao o primeiro título da exposição desta bienal - tal como antes há referência sobre a vida das formas de outros artistas. "Os trabalhos que faço dependem muito da forma como se faziam no espaço, mas penso também em que e que vai montar isto que não estiver."

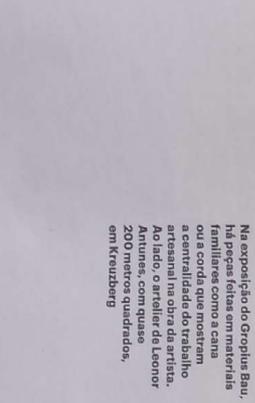
Quando salimos para almoçar, faz-se como e que se está estas horas de verão no meio de Berlin? Fermin escreve para ao o primeiro título da exposição desta bienal - tal como antes há referência sobre a vida das formas de outros artistas. "Os trabalhos que faço dependem muito da forma como se faziam no espaço, mas penso também em que e que vai montar isto que não estiver."

Quando salimos para almoçar, faz-se como e que se está estas horas de verão no meio de Berlin? Fermin escreve para ao o primeiro título da exposição desta bienal - tal como antes há referência sobre a vida das formas de outros artistas. "Os trabalhos que faço dependem muito da forma como se faziam no espaço, mas penso também em que e que vai montar isto que não estiver."

Quando salimos para almoçar, faz-se como e que se está estas horas de verão no meio de Berlin? Fermin escreve para ao o primeiro título da exposição desta bienal - tal como antes há referência sobre a vida das formas de outros artistas. "Os trabalhos que faço dependem muito da forma como se faziam no espaço, mas penso também em que e que vai montar isto que não estiver."

Quando salimos para almoçar, faz-se como e que se está estas horas de verão no meio de Berlin? Fermin escreve para ao o primeiro título da exposição desta bienal - tal como antes há referência sobre a vida das formas de outros artistas. "Os trabalhos que faço dependem muito da forma como se faziam no espaço, mas penso também em que e que vai montar isto que não estiver."

Quando salimos para almoçar, faz-se como e que se está estas horas de verão no meio de Berlin? Fermin escreve para ao o primeiro título da exposição desta bienal - tal como antes há referência sobre a vida das formas de outros artistas. "Os trabalhos que faço dependem muito da forma como se faziam no espaço, mas penso também em que e que vai montar isto que não estiver."



Na exposição do Gropius Bau, há peças feitas em materiais naturais como a canna-de-água e o bambu, a centralidade do trabalho artesanal na obra da artista. Ao lado: o atelier de Leonora Aunues, com quase 300 metros quadrados, em Kreuzberg



Na exposição do Gropius Bau, há peças feitas em materiais naturais como a canna-de-água e o bambu, a centralidade do trabalho artesanal na obra da artista. Ao lado: o atelier de Leonora Aunues, com quase 300 metros quadrados, em Kreuzberg



Na exposição do Gropius Bau, há peças feitas em materiais naturais como a canna-de-água e o bambu, a centralidade do trabalho artesanal na obra da artista. Ao lado: o atelier de Leonora Aunues, com quase 300 metros quadrados, em Kreuzberg

